

Construção do Eu na Modernidade e na visão religiosa

Construction of the Self in Modernity and the religious vision

Maria Célia de Menezes

UCG

Correio eletrônico: mariecellias@yahoo.com.br

Resumo: Assim como o homem se constrói como ser social, a religião, que é um construto social feito pelo homem e para o homem, conforme as épocas sofre uma revisão de olhar por parte dos fiéis.

Palavras-chaves: Construção do eu – Modernidade – Globalização – Sagrado – Reflexibilidade.

Abstract: As well as the man constructs himself as a social being, the religion, a social construction made by the man and for the man, according to the change of times, it suffers a revision from the faithful.

Key-words: Construction of the self – Modernity – Globalization – Sacred – Reflexibility.

O artigo tem como tema a *Construção do Eu* e como objeto de estudo a *sua construção na modernidade*, tendo na globalização o seu ponto de enfoque.

A justificativa para a sua realização parte do princípio que a noção do EU como subjetividade, como intimização, pertence à modernidade. O olhar será panorâmico, querendo apenas ter uma melhor compreensão de alguns momentos históricos, já que várias interferências filosóficas, sociais e políticas vêm acompanhando-o ao longo do século, fazendo-o modificar-se não integralmente (já que em termos humanos nada é radical), mas em grande parte, a estrutura da sua consciência.

A jornada feita pelo ser humano séculos afora, não se deu por acaso. Foi-lhe custoso achar-se como sujeito pensante neste emaranhado de normas e decisões já previamente para e por ele mesmo estabelecidas. Descobrir como ele consegue de uma quase inconsciência, chegar à reflexividade, fruto da globalização, filha da era moderna, é o objetivo deste trabalho.

O exercício do pensar lhe era estranho, dado aos dogmas que por serem uma orientação coletiva, o impedia de alcançar a individualidade. Pode-se concluir daí o trajeto espinhoso para se tornar um ser crítico. Entende-se por reflexividade, a capacidade que têm as pessoas no mundo moderno, principalmente nos tempos atuais, de orientar suas vidas não mais pela força da tradição, mas “à luz de informação renovada sobre as próprias práticas, alterando assim construtivamente seu caráter. (Giddens, 1991: 45). Para o autor, na era da modernidade, há uma revisão daquilo que é ensinado pela tradição.

Autores como Santi (1980) e Elias (1990) nos fazem pensar sobre este ser humano que entregue às suas pulsões¹ vêm lentamente sendo “moldado” segundo as normas religiosas e sociais de cada época, “moldagem” esta que o

¹¹ Pulsão é um conceito limite entre o psíquico e o somático, como representante psíquico das excitações provenientes do interior do corpo e atingindo ao psiquismo, como uma medida de exigência de trabalho que é imposta ao psiquismo em consequência de sua ligação ao corporal. (A pulsão e seu destino, 1915, *in* Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).

homem é submetido à custa da repressão.² Não há nada de natural nos costumes, apenas experiências intersubjetivas que formam um acervo comum de experiências compartilhadas, que se objetivam de alguma forma através das leis, usos e costumes. Desenvolvimento do pensamento filosófico, político, religioso provoca alterações nos hábitos e costumes de maneira subliminar após de maneira direta.

Berger (1985) nos faz pensar como o processo de secularização vem estimular o ser crítico que estava eclipsado pelo medo de pecar, implantado pela Mãe-Igreja. Na atualidade, com o nascimento de pensamento crítico do EU, liberado do pensamento mitológico, vários fatores confabularam para que o ser humano organizasse sua nova postura de vida. Dentre elas temos além do processo de secularização a influência da globalização que autores como Bauman (1999), Pace (1999) e Giddens (2002) têm muito pesquisado. Com eles, pode-se melhor entender como se encontra a complexidade humana, neste turbilhão de informações que a todo o momento lhe alcança.

Eu, este eterno ser em construção

Inicia-se este artigo com a passagem da Idade Média para o Renascimento que é o início do nascimento da Modernidade. Entendendo-se por Modernidade todas “as instituições e modos de comportamentos estabelecidos pela primeira vez na Europa depois do feudalismo, mas que no século XX se tornaram mundiais em seu impacto” (Giddens, 2002: 21). Neste momento ocorre o aparecimento da noção da subjetividade que é a capacidade do indivíduo tem de se sentir sujeito, isto é, capacidade de sentir-se separado dos demais, de experimentar emoções e pensamentos pessoais, de se sentir um ser livre. Como já foi apontado, a racionalização, secularização e globalização interferem na roupagem do Eu, portanto na subjetividade, remodelando-o a despeito do seu querer, já que o homem como ser social nunca esteve imune às influências

² Repressão – operação psíquica que tende a fazer desaparecer da consciência um conteúdo desagradável ou importuno: idéia, afeto.(...) Do ponto de vista dinâmico, as motivações morais desempenham na repressão um papel predominante. (Vocabulário da psicanálise: 457).

sociais. Atualmente, o mundo globalizado, onde as distâncias se encurtam, favorece ainda mais um multiplicar de informações que provavelmente o influenciarão.

Quando se fala em construção do Eu na modernidade, pensa-se no conceito do Eu predominante em Psicologia. O Eu, como parte integrante da psiquê do indivíduo, pode ser reconhecido como a autopercepção que o indivíduo tem de si mesmo. A autopercepção é a sensação que permite o indivíduo sentir-se como um indivíduo autônomo apesar de fazer parte da sociedade e ser por ela modelado tal como num sistema de colagem. Esta colagem social varia de cultura para cultura, de era para era. Sabe-se que este “Eu penso”, “Eu sinto” nem sempre foram os mesmos do de agora.

Sabe-se que a história da humanidade é construída na relação complementar: exteriorização - interiorização do social em nós.

Esta idéia (interiorização, exteriorização) é encontrada em Berger (1985). Segundo ele a sociedade se constrói dentro de uma visão dialética: o homem é produto da sociedade, a sociedade é produto do homem e este processo se realiza em três etapas, sendo a primeira etapa a exteriorização que corresponderia a toda atividade do homem no mundo, a segunda seria a objetivação que seria todas as conquistas fruto desta exteriorização e por último a interiorização que corresponderia à transformação destas estruturas objetivas em estruturas da consciência subjetiva. Assim para o autor,

os processos que interiorizam o mundo socialmente objetivado são os *mesmos* processos que interiorizam as identidades socialmente conferidas. O indivíduo é socializado *para* ser uma determinada pessoa e *habitar* um determinado mundo. A identidade subjetiva e a realidade subjetiva são produzidas na mesma dialética (aqui, no sentido etimológico literal) entre o indivíduo e aqueles outros significativos que estão encarregados de sua socialização. (Berger, 1985: 29)

Compreender os momentos históricos (objetivação) ajuda a melhor entender este processo dialético.

É com a Modernidade que surge o nascimento do Eu enquanto privacidade. Por privacidade se compreende o processo em que há uma volta

para o Eu, para o individualismo, perdendo um tanto da força do coletivo sobre o indivíduo, já que há uma valorização de tudo o que diz respeito ao Eu. Há uma valorização entre a maneira de Eu experimentar a realidade, pensá-la e senti-la, em contraposição com a maneira dos demais. O experimentar subjetivo que nos parece banal e um direito garantido, não era experimentado como hoje o sentimos, já que falas tais como: “eu penso diferente de você, eu discordo de você, eu sinto isto ou aquilo”, não eram tão costumeiras em uma sociedade teocêntrica como era a sociedade medieval, onde o pensamento era direcionado para a subserviência, para a não reflexão, para o não sentir. Salvo alguns grupos de seletos pensadores tinham acesso à reflexão, a um pensar um tanto diferenciado da época, hajam vista os pensadores gregos e os filósofos medievais. Santi (1998: 04) ao comentar o aparecimento da aurora da subjetividade, sinalizada por alguns estudiosos como sendo próprio do Renascimento, entende que na concepção de subjetividade privada está incluída “a idéia de liberdade do homem e de sua posição como centro do mundo”. Na modernidade, a idéia de liberdade vai se estender a várias áreas do saber humano, sendo ela de fundamental importância, por ter o poder de desorganizar ou pelo menos de questionar muitas afirmações dadas como certas.

Atualmente, o termo indivíduo remete ao “átomo indiviso” do ser humano, assim o sujeito isolado é a unidade básica de valor e referência de tudo, mas “esta afirmação do Eu parece ter-se construído gradativamente, através de séculos. O Eu nem sempre foi soberano” (Santi, 1998: 05), portanto esta noção do Eu conforme hoje a conhecemos não foi sempre assim.

O aparecimento dos grandes pensadores que reformularam visões estereotipadas de suas épocas como: Copérnico, Darwin, Descartes não passou incólume para a subjetividade do ser humano daquelas épocas.

Um *feedback* no tempo ajuda a entender os processos que vêm o ser humano sofrendo ao longo da sua caminhada. Algumas trilhas serão percorridas. O Renascimento é a primeira etapa.

Renascimento como formador de uma nova identidade

Entende-se Renascimento por toda renovação cultural ocorrida na Europa durante os séculos XV e XVI, sendo considerado por muitos pensadores o marco inicial da Era Moderna.

Neste momento surgem os humanistas, intelectuais que se interessavam pela antiga cultura grego-latina. Graças a eles, variados assuntos das obras da Antigüidade clássica foram traduzidos, ampliando o desenvolvimento intelectual da comunidade européia. Há de se lembrar que já na Antigüidade, o pensamento grego não era mais submetido ao poder dos deuses, havendo a sistematização do conhecimento pela razão, o que vem a favorecer o aparecimento da racionalização em todas as áreas, principalmente na religião, já que a razão é entendida como a percepção da ordem absoluta, não se acreditando mais com tanta freqüência em poderes mágicos.

A Idade média não desacreditou no valor do homem enquanto ser pensante e criador, simplesmente preferiu abafá-lo, para a religião melhor triunfar sobre um ser amorfo e plácido, bom a ser moldado, por um leque de pensares oferecidos pelas bulas papais. O pensar diferente era inadequado e perigoso, pois se questionava o já legitimado pela instituição cristã.

Repudiando a concepção medieval do mundo como "vale de lágrimas", um lugar de tentações e pecados que desviam a humanidade da salvação, os humanistas renascentistas exaltam a dignidade do ser humano, destacando-o como ser livre e capaz de alcançar a felicidade terrena e de ser capaz de criar o seu projeto de vida, tal como acreditavam os gregos. O Renascimento, como movimento cultural, é importante para o estudo em questão, pois de maneira generalizada "a noção de subjetividade privada data do início da Modernidade, ou seja, do Renascimento. A afirmação do sujeito chegará ao seu ponto máximo no século XVII e, a partir de então, iniciará uma longa crise até o final do século XIX" (Santi, 1980: 03).

Embora não fosse consenso no Renascimento, a forma de se pensar o homem como um ser de valor colocando-o no centro do mundo, mesmo assim

este momento histórico é marcado pela ruptura com a visão precedente, não havendo consenso sobre a sua localização exata.

Santi (1998), citando Charles Taylor, disso nos faz refletir, já que Taylor situa a presença da subjetividade já em Santo Agostinho (século IV), por ele afirmar que a busca de Deus deve ser feita dentro de nós. Deus é a própria luz interior. Assim esta experiência de que Deus mora em mim, é subjetiva. A experiência de Deus é subjetiva e dependente de nós. Atualmente, a subjetividade é levada ao extremo tendo inclusive profissionais especialistas em ajudar os indivíduos em crises existenciais.

Mas a despeito de alguns avanços aqui e acolá, a subjetividade ainda engatinhava na sua construção. Na Idade Média com a presença de um Deus onisciente, onipresente, muito mais onisciente do que o desejado, dificilmente o homem se vê livre dos grandes olhos persecutórios do seu Deus. Este Deus que a tudo confere, sempre tem a mão estendida para abençoá-lo ou para castigá-lo. Dificilmente, poder-se-ia pensar em segredo. Pecar em pensamento já era pecado. Sendo assim dificilmente haveria privacidade e dificilmente estaria o indivíduo tranqüilo, já que um Deus perseguidor, não permitiria a existência de pensamentos íntimos, já que tudo sabe e confere, instalando a culpa com agilidade, diante de pensamentos destoantes do esperado.

A igreja dominando as instituições com os seus dogmas torna-se poderosa. Governa com lei e mão de ferro, conduzindo todos dentro de esquemas mentais inflexíveis. Sendo assim a dúvida, a crítica deveriam ser afastadas, pois o pensar diferente, além de ser influencia do maléfico, desrespeita a igreja como instituição formadora de idéias. Dentro deste esquema, no mundo Teocêntrico não se tem muito do que divergir. A Teologia cristã, com seus dogmas e orientações oferece o que se pensar.

Haveria uma ordem absoluta, representada por Deus e seus legítimos representantes na terra: a Bíblia e a Igreja. Cada coisa existente estaria relacionada necessariamente a esta ordem superior. Em última instância, cada ser formaria parte de uma grande engrenagem que seria a criação divina. Aí se encontraria o sentido de tudo. (Santi, 1998: 07)

A este pensamento, se opõe o Antropocentrismo (crença no poder criador e transformador do homem) do Renascimento. De agora em diante, o bom é o bom para mim. O ser humano nasce livre e deve ser educado. Tem-se a idéia que se deve aprender mais e mais e há a sensação de se estar sempre em movimento, sentimento que se vai ampliando. Esta sensação de mobilidade, de dinamismo, dificilmente era possível na Idade Média. Agora, há um relaxamento frente à opressão de um Deus tão severo que impossibilitava todo pensamento destoante. Este Deus, no entanto, não desaparece da vida do cristão, como fonte da ordem e do bem estar social.

Deus parece ter se afastado para o céu, deixando o mundo a cargo dos homens. Na Idade Média, é muito comum a representação plástica do mundo como uma esfera cujo centro é Deus, Cristo ou, o que é menos ortodoxo, a virgem Maria; já no Renascimento, há inúmeras representações do mundo nas quais Deus paira sobre ele, que tem agora ao centro o próprio homem. (Santi, 1998: 12).

Este indivíduo sendo mais livre, e estando o mundo um pouco mais a seu cargo, pode ele se questionar: como eu devo ser?, pondera Santi. Aqui surge um dos caminhos que favorecem a construção da subjetividade privada, enquanto processo de sentir-se livre e de ser o centro do mundo, como o autor afirma. Tal especulação sobre si mesmo, favorecerá nos séculos posteriores a construção de livros de auto-ajuda, favorecendo também o sentimento de culpa, pois se sou responsável pelos meus atos e não consigo melhorar-me, sinto-me então, culpada por não conseguir me relacionar adequadamente com os demais.

Esta sensação de ser observado e possivelmente ridicularizado aumenta diante das normas de etiqueta social que vão sendo construídas ao longo dos séculos e vão se tornando mais refinadas. O refinamento de hábitos chega ao máximo na época do Barroco³ século XVIII, provocando sentimentos de vergonha e culpa.

³³ Complexo contexto sócio cultural, por volta da metade do século XVII, fez com que o homem tentasse conciliar o antropocentrismo que é a valorização do homem com o teocentrismo que significa a postura de se colocar Deus no centro de todas as atividades

Muitos comportamentos foram proibidos não por serem anti-higiênicos (noção que começa a ser implantada), mas porque quando são feitos, geram associação desagradável. Aos poucos a marca da sociedade no ser interno, o superego⁴, começa a se fixar de maneira incisiva, aumentando assim a vergonha, quando o indivíduo não consegue estar conforme os padrões.

Sabe-se que a partir do social vai-se formando o Eu de cada um de nós. Freud, irá nos falar do superego como sendo uma das instâncias psíquicas tendo uma parte construída pelo social e outra pelos pais através da identificação (criança-pais). A criança inicialmente toma a si como o centro do mundo, mas graças às críticas parentais renuncia a ser o centro do mundo, adaptando-se ao Ideal do Eu, que em tese seria a mesma coisa do superego. A criança no seu desenvolvimento é convidada pelo social a participar da cultura, e para tanto precisa nela se adaptar. Assim surgirá o “Eu ideal” que corresponde ao “Eu que eu queria ser” ditado pelo social. Quando isto não ocorre, sentimentos desagradáveis como a culpa e a vergonha que estão interligados, surgem.

A culpa é a ansiedade provocada sempre que os limites do superego foram transgredidos, enquanto que a vergonha deriva de não conseguir viver a altura das expectativas que fazem parte do Ego Ideal. (Giddens, 2002: 67)

A culpa, por ser uma manifestação emocional, surge do temor de não estar de acordo com o social, afetando o indivíduo que se culpando sente-se mal. Por sua vez a vergonha desperta sentimentos de inadequação ou humilhação, quando o indivíduo se vê a si mesmo pelos olhos do outro.

Numa sociedade altamente normativa e ainda profundamente religiosa, como as dos séculos XV e XVI, transgredir as normas, implica em imediato

humanas, inspirando-se nas tradições medievais. Esta situação contraditória resultou um movimento artístico que expressava também atitudes contraditórias diante da vida, dos sentimentos e de si mesmo; esse movimento recebeu o nome de Barroco.

⁴⁴ Uma das instâncias da personalidade tal como Freud a descreveu na quadro da sua segunda teoria do aparelho psíquico: o seu papel é assimilável a um juiz ou de um censor relativamente ao Ego. Freud vê na consciência moral, na auto-observação, na formação de ideais, funções do superego. (Vocabulário da Psicanálise).

sentimento de culpa e vergonha. O jogo de interiorização e exteriorização, já comentado segundo Berger esclarece estas discussões.

A igreja torna-se uma das divulgadoras dos costumes da corte. Assim o traquejo social ganha apoio da autoridade religiosa, correlacionando-o com religiosidade. O padre La Salle *in* (Elias, Norbert, 1990:111) afirma:

que a maioria dos cristãos considera o decoro e a civilidade como uma qualidade puramente humana e mundana e, não pensando em elevar mais ainda sua mente, não a considere uma virtude relacionada a Deus, ao próximo, a nós mesmos. Isto mostra bem quão pouco cristianismo existe no mundo. (Elias, Norbert, 1990: 111)

Estar de acordo com o social é estar de acordo com a grande média estatística, abandoná-la, corre o risco de estar entre aqueles que são considerados como “diferentes”.

Neste momento a essência do homem corresponde à racionalidade e consciência, mas de agora em diante a separação daquilo que pode ser feito em público e no privado fica mais claro.

O Eu é visto sobre outra forma. Deixará de ser tomado como totalidade e cada vez mais tomará o aspecto de uma apresentação social, uma auto imagem cultivada e civilizada que encobre, no entanto, algo mais que habita e constitui as pessoas e que elas procuram manter em segredo. (Santi, 2000: 72).

Aparece então, a noção de público e privado, sendo público a máscara social e privado tudo aquilo que é possível fazer na alcova, no mais íntimo dos nossos lares, longe do olhar definidor do social. “A privacidade abarcará todo um universo de desejos e pensamentos anti-sociais, que devem ser ocultos pela etiqueta e pelas boas maneiras” (Santi, 200: 73).

A respeito da valorização da interiorização, que se destaca de tudo aquilo que pode ser considerado público, nasce por volta do século XVIII, uma nova postura de sentir a vida que se manifesta nas artes em geral com o nome de Romantismo.

O Romantismo, independente de ser uma manifestação artística, é uma postura perante a vida, um modo de ser, uma atitude espiritual. O romântico já não acredita mais que a essência do homem esteja no seu pensamento, mas na paixão. O privado que é digno de valor. Quanto ao público que são as máscaras sociais, a *courtoisie* e a frivolidade, não correspondem à verdadeira riqueza interior. São os sentimentos e as emoções que são valorizados pelo Romantismo. O que há de mais puro no Eu, é tudo aquilo que pode ser eliminado ou seja o público.

Neste momento, há a crença na existência de um Eu puro, sem as interferências das amarras do meio, mas seria isto possível?

Neste embaralhar de variantes, como fica o Eu na modernidade enquanto identidade religiosa?

O homem neste caminhar ora torna-se poderoso tendo na razão o seu guia, ora esta mesma razão é eclipsada, pois o verdadeiro bem, o verdadeiro belo está nas paixões, no privado dos sentimentos, onde a razão pode descansar um pouco, e o sentir ganhar espaço. Berger acrescentará outras informações sobre a formação da individualidade.

Berger

No momento atual, o da Modernidade, ganha a secularização força, não havendo possibilidade de haver um retorno para o “sagrado.” Estas renovações no religioso implicam alterações na postura religiosa do Eu. Vejamos o que Berger vem a nos dizer a respeito da secularização.

é um processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. Quando falamos da história ocidental moderna, a secularização manifesta-se na retirada das igrejas cristãs das áreas que antes estavam sob seu controle e influência: separação da igreja e do estado, expropriação da emancipação da educação do poder eclesiástico, por exemplo. (Berger, 1985: 119)

Afetando todos os segmentos da sociedade, favorece ela alterações do Eu como subjetividade, o que provoca também alterações na leitura religiosa. Com isto entende-se que a secularização se expande para as consciências. Desta forma o mundo passa a ser interpretado de outra maneira, não mais pela ajuda do “mítico”, mas pela ajuda do “logos” reforçando o Eu, pois o coloca em contato com suas grandes riquezas que são: o pensar, o raciocinar, e o duvidar, enfim com a sua capacidade de abstrair, o que possibilitou o nascimento do pensamento especulativo. Apesar da teologia ser anterior à Idade Média, há de se levar em consideração o momento histórico da época. O analfabetismo grassava na época e independente da capacidade que o indivíduo tem em gerar e construir a sociedade, aqueles que detinham o poder se esforçavam para calar toda criatividade demolidora e renovadora dos demais, para que enfim o rebanho fosse mais bem administrado.

Para se entende como o pensar religioso depende do momento presente, veja-se como o autor pensa a religião como variável dependente do social. O capitalismo industrial, para ele, é um dos responsáveis, pelas alterações na religião. Berger acredita ser

o portador primário da secularização é o processo econômico moderno, ou seja, é a dinâmica do capitalismo industrial (...) Naquelas regiões do mundo ocidental em que a industrialização assumiu formas socialistas de organização, o principal fator determinante da secularização continua a ser a proximidade dos processos de produção industrial como os seus concomitantes estilos de vida (Berger, 1985: 122).

Para alguns pensadores o prelúdio da secularização estaria no Protestantismo, pelo que ele provocou de desencantamento no mundo, tal como o fim do mistério da comunhão, da intercessão dos santos e pelo fim das rezas para as almas dentre outros, no entanto para Berger a raiz da secularização é anterior ao Protestantismo. Localiza-se ela na história do cristianismo. Isto ocorre quando os judeus separaram-se das culturas da Mesopotâmia e do Egito distanciaram-se então das culturas cosmológicas que

inserir uma ordem cósmica o universo humano que por sua vez fornecem um tipo de universo que dá uma grande segurança ao indivíduo.

O que ocorre “aqui em baixo” no plano humano corresponde um “lá em cima” no plano dos deuses, e tudo o que ocorre “agora” está vinculado aos acontecimentos cósmicos que ocorreram no princípio. (Berger, 1985: 127)

Assim tudo passa a ter um “sentido” para o homem, por estar relacionado com o significado último das coisas. Desta separação restou apenas um Deus racionalista. Deus está fora do cosmo. Ambos não se permeiam, apenas se confrontam.

Passa então, o Deus de Israel ser um Deus histórico, ético e transcendente, imune a manipulações mágicas, ficando o povo entregue à insegurança. Há desde então uma ruptura com o universo mítico e a ruptura com as culturas locais. Leis e ética já não são dadas pelas cosmogonias (teorias que explicam a formação do cosmo), mas pelo Torah (conjunto das leis dos judeus) profundamente racionalista.

Quando surge o cristianismo, há um retrocesso na secularização do pensamento dado à crença na trindade e na crença dos anjos e santos. Por outro lado, o cristianismo como instituição, ao separar o espaço profano do sagrado, permite que o cotidiano seja entregue à secularização. O mundo está fora da jurisdição do divino. Sabe-se que alterações sociais implantam alterações na constituição do sujeito como possuidor de um imaginário repleto de simbologias religiosas. Disto se conclui que um novo homem religioso vai-se aos poucos se definindo ao passar das épocas, já que o seu imaginário não está tão povoado de elementos sobrenaturais. “Mudanças sociais empiricamente observáveis tiveram conseqüências em nível de consciência religiosa e ideação” (Berger, 1985: 140).

Na contemporaneidade a razão, rainha da casa, tendo ainda seu espaço garantido, passa a ser mais flexível com as outras formas de pensar e entender a religião.

A pós- modernidade já é uma realidade?

Quando se fala em modernidade fala-se em globalização. A globalização faz parte da modernidade, que por sua vez é globalizante. Pode-se entender globalização como “a intensidade das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa” (Giddens, 1991: 69). Trata-se portanto de um processo de alongamento, tornando o longe perto. Fala-nos ele da característica do espírito da pós-modernidade, entendendo por pós-modernidade um momento de transição, não podendo entendê-la como algo que existe de forma válida. É com esta idéia que se pensa a pós-modernidade.

Neste momento, o termo pós-modernidade diz respeito à falta de certeza que se tem em relação a tudo, já

que os fundamentos preexistentes da epistemologia se revelam sem credibilidade, e que a “história” é destituída de teleologia e conseqüentemente nenhuma versão de “progresso” pode ser plausivelmente defendida. (Giddens, 1991: 52)

Diferentemente do espírito da Modernidade que é regida pelas leis da razão que dão garantia de validade diante de tudo o que afirmam, a pós-modernidade vem a ser uma filha mais flexível quanto às exigências estritamente racionais. Até então, tudo o que existia tinha o seu lugar devidamente marcado e estabelecido via logos. A flexibilidade, a ambivalência e a ambigüidade da pós-modernidade, podem ser sentidas neste novo momento. A ambivalência da pós-modernidade põe nos ombros do indivíduo a liberdade de escolha, pondo todo sucesso ou fracasso a seu cargo, o que por sua vez acarreta uma incerteza permanente quanto às escolhas. Diante disto, há um desconforto físico e espiritual que procura uma solução. Agora, já há “a desconfiança de que há coisas de que os seres humanos não podem fazer e coisas que os seres humanos não podem compreender quando entregues a seus próprios juizes e músculos” (Bauman, 1999: 209).

Diferentemente das épocas em que a igreja se esforçava para manter o indivíduo preocupado com a escatologia (sua tática preferida), atualmente, o

homem moderno se preocupa com outras coisas. A falta de controle na política local e mundial, já que a globalização impede qualquer mudança que não seja grupal, e a preocupação com o pão nosso de cada dia, são alguns dos fatores entre outros, da insegurança atual que nos chega diariamente via *on line*. Assim as incertezas relacionadas com a escatologia (vida após a morte) são deslocadas para o curso da vida, e a insônia se promove de outra maneira.

Atualmente, a implantação da inquietação através da escatologia, das coordenadas rígidas via dogmas não são tão fáceis de se absorvidas pelos fiéis, mas mesmo assim, há um desconforto na contemporaneidade como afirma Bauman.

Apesar deste desconforto, a idéia da auto suficiência humana que teve início com o Renascimento, afirma ser o homem capaz de realizar coisas admiráveis no aqui e no agora, minando o desejo das religiões institucionais de controle e da desvalorização do homem. No momento, é a globalização via mídia, ampliando o conhecimento da criatividade humana, valoriza o homem e exalta as suas conquistas, apesar do muito que se tem a fazer.

O que distingue a estratégia pós moderna da experiência máxima, de uma promovida pelas religiões é que longe de celebrar a insuficiências e fraqueza humana assumidas, ela invoca um completo desenvolvimento dos recursos internos, psicológicos, fisiológicos do ser humano, e pressupõe infinita a potência humana. (Bauman, 1998: 224)

Hoje se vive o hedonismo sem a culpa de outrora, deixando pobreza de ser virtude e sendo a riqueza uma benção de Deus e sinal da sua presença na vida do crente. Parafraseando Weber a pós-modernidade valoriza “o êxtase deste mundo”.

Passando do dogma religioso às orientações do “como deve ser” ditado pelo social e especialistas, que dão o padrão geral construído e aprovado pelo social, o homem está sempre a rever a sua identidade social e religiosa, a despeito dos seus condicionamentos anteriores, já que o nascimento de um novo consenso social, sempre tem força para promover novas alterações.

Nos dias atuais, como há fartura de ofertas religiosas, possibilitada pela globalização que intensifica as relações sociais, e torna o local mundial e o mundial local, a religião mais parece um mercado onde o fiel pode se servir sem que com isto sintam-se culpados e sem mesmo sair de sua casa. A mídia a isto favorece, mas a possibilidade de várias escolhas, somada à ambivalência da modernidade faz com que os indivíduos a todo o momento se criem, e busquem novas roupagens identificatórias “não há um só lugar na sociedade em que estejam realmente a vontade e que possa conferir-lhes uma identidade natural” (Bauman, 1999: 211).

A busca da confirmação da identidade dada pelo outro é uma necessidade da raça humana, por ser o homem um ser social. O homem sempre está à cata da valorização do outro, não tê-la torna-o inseguro.

A importância do Outro na construção desta subjetividade natural, foi muito bem falada por Jacques Lacan, psicanalista francês. Segundo ele a constituição do sujeito que se reconhece dentro do seu corpo, vem do exterior. Exterior entendido aqui como o Outro que por sua vez já traz consigo o social. Embora não tenha ainda o bebê o sistema neurológico completado, pode ele no entanto reconhecer-se no espelho da mãe. Assim haverá uma primazia da antecipação do psicológico sobre o fisiológico que o constitui como sujeito. Esta idéia desenvolvida por Lacan ao qual ele chamou de “Estádio de Espelho” seria um momento de virada. Este estádio é uma metáfora, já que uma criança cega pode ter também acesso ao imaginário e ao simbólico. Leite Márcio citará a fala de Lacan no momento em que ele define a fase do espelho no *Seminaire* –2.

Tal acontecimento pode ocorrer (...) a partir da idade de seis meses e a sua repetição freqüente fixou a nossa meditação perante o espetáculo surpreendente de uma criança em frente do espelho, que não tem ainda o domínio da marcha, nem sequer o da posição ereta (...) (Leite Márcio, 1992: 31)

Este momento para Lacan é o que estrutura o ser, e condiciona a sua estrutura ontológica.

Na contemporaneidade, diz Bauman, o indivíduo vive em busca de uma orientação mais clara vinda de um outro, por estar ela difusa. A aprovação do social diminui diante da autonomia pessoal e isto promove no indivíduo, a sensação de se sentir deslocado não importa onde esteja ou o que quer que faça. A própria natureza da reflexividade moderna que “inclui a reflexão sobre a natureza da própria reflexão” (Giddens, 1991: 46), não permite mais um retorno aos códigos rígidos das tradições religiosas e tão pouco aos sistemas arcaicos de educação, contudo a busca do Outro como força legitimadora e orientadora para uma série de comportamentos continua a existir, hajam vista o crescimento de terapeutas que através das suas técnicas tentam diminuir a incerteza e a ambivalência da modernidade e a valorização da maternidade.

A reflexividade moderna alcança as religiões tradicionais. Perdem elas a sua força e sofrem crise de credibilidade, já que não há mais um caráter único religioso a determinar, nem fiéis que se submetam estritamente aos seus cânones.

Mas esta liberdade de questionamento e de escolhas não é tão bem vista por todos. Alguns sentem o chão fugir a seus pés, diante da possibilidade de escolherem a todo o momento. Igrejas fundamentalistas fazem sucesso, a despeito da alienação provocada por elas, já que diretrizes são oferecidas. A respeito disto, Bauman pensa que longe de ser uma irracionalidade moderna o fundamentalismo “dá segurança e certeza em primeiro lugar e condena tudo o que solapa essa certeza – antes e acima de tudo as extravagâncias da liberdade individual” (Bauman, 1999: 229).

Como se vê nem tudo da contemporaneidade é totalmente positivo. Nem tudo que reluz é ouro, pois a liberdade gera ansiedade. O indivíduo sempre busca no outro a confirmação dos seus sentimentos e comportamentos, exigindo dele muitas vezes respostas delimitadoras esclarecedoras.

Tal como no Renascimento quando Galileu afirmava haver um frenesi de mudança e movimentação no ar, hoje na contemporaneidade, se percebe também que está no ar um dinamismo em ebulição. Todos nós percebemos que a vida está acelerada a olho nu. A aceleração histórica é incontrolável,

graças ao avanço da tecnologia, dos computadores, da *Internet*, dos bancos de dados que favorecem decisões mais rápidas, colaboram para esta sensação. Sabe-se que por volta dos anos 1968, o conhecimento científico dobrava em vinte anos. Hoje se dobra a cada dez anos, sendo que o conhecimento sobre a informática dobra a cada dezoito meses.

A comunicação interpessoal também se altera. A confiança não está mais na boa fé das pessoas, mas na técnica. Veja-se o processo de desencaixe que são aspectos fundamentais do distanciamento entre tempo e espaço. A globalização tem a ver com as relações sociais que se intensificam e com as contextualizações locais.

Para Pace (1999), podemos entender a globalização sobre o enfoque: objetivo- subjetivo, dominação –libertação. Do ponto de vista objetivo, entende-se a globalização sendo a dominação de uma sociedade pela outra, podendo também ser um momento próprio para o despertar de potencialidades tanto individuais como coletivas, o que corresponderia à libertação. Sob o ponto de vista subjetivo, entende-se por globalização a colonização de consciências por sociedades dominantes, passando a idéia que todas as transformações pelas quais vêm passando o mundo devem ser compartilhadas por todos. Quanto à libertação seria o nascimento de um espaço crítico, contra poderes mundiais.

As mudanças pessoais estão conectadas com a amplitude das grandes mudanças sociais, daí não se pode negar a influência do poder de fogo da globalização. Sendo assim, graças à globalização, à modernidade que estão inter relacionados, o Eu altera-se de alguma forma. Veja-se melhor este interferência mútua.

O dinamismo da modernidade se reflete também no Eu

A reflexividade moderna que é a capacidade de duvidar do pré-estabelecido, alcança o indivíduo no seu íntimo favorecendo a ocorrência de uma desestabilização a nível pessoal não presente quando da época das grandes tradições que forneciam ao indivíduo alguma diretriz do “como deve ser”, do

“como se deve se sentir”. Giddens (1991: 45) ira nos dizer que “a reflexividade consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informações renovadas.”

Diante deste “remexer” em tudo que diz respeito ao tradicional, o novo sentido do Eu tem que ser dado pelo próprio indivíduo, diante de situações novas. Tal como nas atividades sociais que de um modo geral passam por uma mobilização reflexiva constante, no processo de auto-reconstrução ocorre o mesmo. Não é que haja um individualismo total, mas as pessoas já não seguem a tradição como seus avós ou pais a seguiam, quando a seguem o fazem por nela encontrar valores interessantes a serem preservados.

Embora não se possa generalizar, o sentido de segurança, dada pelas pequenas comunidades e pela tradição, é deslocado para conexões pessoais institucionalizadas, como é o caso dos especialistas em várias áreas. A segurança não vem só do “sacro” e suas orientações, procura-se o aval de alguém que a instrumentalize para aumentar o auto conhecimento e diminuir a incerteza. Médicos, psicólogos, sociólogos são convocados. “A incerteza do estilo pós-moderno não gera a procura da religião: ela concebe, em vez disto, a procura sempre crescente de especialistas em identidade” (Bauman 1998: p.222) que ajudaram a alcançar a felicidade. Mas para que haja um mínimo de confiança no futuro, independente de todo fundamentalismo “assegurador” aceito por alguns, é preciso, segundo Giddens, que o indivíduo tenha a segurança ontológica, que nada mais é do que o sentido de continuidade e ordem dos acontecimentos.

A insuficiência humana carrega em si a sua potência renovadora

A confiança básica, que se estabelece já nos primeiros meses, vem de uma sociabilidade inconsciente, sendo ela responsável pela auto identidade do indivíduo. Lacan autor mencionado acima, explicou isto soberbamente. A confiança básica favorecerá o aparecimento do que Giddens chamou de “inoculação emocional”, que fortalecera o indivíduo diante dos embates de toda

monta “já que a manutenção da vida, nos sentidos corporais e da saúde psicológica, está inerentemente sujeita ao risco” (Giddens, 2002: 43).

A “inoculação emocional” é essencial para a confiança interna, permitindo o indivíduo seguir o trajeto por ele traçado e confiar no Deus apresentado pelos seus pais.

Diante da vulnerabilidade da vida acentuada pela reflexividade e ambivalência da contemporaneidade, busca o homem segurança em algo que o transcenda, não mais o Deus de Moisés, rígido e autoritário, mas um Deus também reflexivo que pode ser encontrado aqui e acolá, conforme as ofertas da praça.

A possibilidade de se contar com esta vacina que é a confiança básica, é de extrema necessidade diante da vulnerabilidade do momento presente, já que tudo é passível de reflexão, de alteração, não se podendo mais contar com o “estabelecido” que embora seja alienante, nos dá a sensação de que as coisas estão no lugar certo. Diante desta flexibilidade nos conceitos que regulam a vida transformando as certezas em dúvidas, o Eu se sente inseguro em alguns momentos, tolerando o mal-estar de não ter uma coordenada rígida, em outros se sente encantado com a possibilidade de poder optar entre várias escolhas sem que por isto se sinta ridicularizado pelo outro ou envergonhado diante de uma escolha não convencional.

Há também aqueles que não tolerando a liberdade de opção busca orientações em religiões onde a palavra bíblica deve ser respeitada apesar das dúvidas. Esta flexibilidade do como- deve -ser e do como -deve -sentir-se, Marc Augé (*apud* Pace, Enzo, 1999:27) afirma ser a globalização a responsável, já que ela é produtora de “zona Franca” um espaço virtual, onde as pessoas circulam. Indivíduos de raças, nacionalidades, línguas diferentes aí passeiam livremente sem medo de serem criticados ou vigiados. O Outro já não é mais tão ameaçador. Desta forma o Eu vai-se aos poucos se tornando mais enriquecido de outras visões quer ou não concorde com elas. Conhecer outras orientações não leva mais à fogueira.

A falta do “já estabelecido”, pode ser observado no papel da igreja sendo ocupado por outros tipos de instituições. O êxtase que só pertencia aos místicos por merecimento, na atualidade ele é oferecido a um público desejoso por obtê-lo através de meios não convencionais. A abnegação é dispensável, somente a possibilidade de “poder se ter a experiência máxima” através do consumo é válida. De agora em diante o mercado global funciona sem freios, levando a religião a ser chamada, não para retornar gloriosa, mas para emprestar ao mercado seu fundamento ontológico. Tal empréstimo deve ser ampliado a todos os seguimentos da sociedade sem contudo poder administrá-la.

Percebe-se daí que o homem religioso, bem como a sua própria criação projetiva a religião, no decorrer das eras muito se alterou. Modificando-se esta projeção, a religião concomitantemente se altera. Como diz Geertz (1989: 105) “a religião atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral”, mas graças à possibilidade do ser humano de transformá-la, pode-se renová-la constantemente. Desta forma a sua própria insuficiência carrega a sua potencialidade.

Conclusão

O homem este eterno questionador de si mesmo, nunca para de pensar e repensar sobre si, pois misteriosa é a vida, e complexas são as manifestações da presença do transcendente que cada religião tem uma explicação. Nesta dúvida constante, a única coisa que se sabe é que este Deus se mantém calado deixando ao encargo do ser humano construí-lo conforme o desenvolvimento social e cognitivo de cada época.

A única segurança que se pode contar é a segurança dada pelo olhar do outro: “inoculação emocional” enquanto não se alcança alguma certeza transcendental. Eis aí, o famoso livre arbítrio que permite ao homem se reconstruir indefinidamente, apesar de toda a sua fragilidade. O momento atual

é um momento adequado para esta reconstrução, pois há a flexibilidade e a disposição para reconstrução de tudo aquilo que já foi dito e pensado. Novos paradigmas estão sendo apresentados ao grande público não mais como grandes verdades, mas apenas como formas diferentes de se pensar o que sempre existiu, com uma roupagem nova, criativa respeitando as diferenças individuais e de crenças.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z. *Modernidade e Ambivalência*. 1999. Trad. Marcus Pencil. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

BERGER, P. L. *Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 1985. São Paulo, Paulinas.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem Fraude nem Favor: Estudos sobre o amor romântico*. 1998. Rio de Janeiro, Rocco.

ELIAS, N. *O Processo Civilizador: Uma história dos Costumes*. 1994. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

A, Mauro e Gama. *O Mal Estar da Pós Modernidade*. 1998. Trad. Cláudia Martinele. Rio de Janeiro. Zahar Ed.

Geertz, C. *A Interpretação das Culturas*. 1989. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora S.A .

GIDDENS, A. *Modernidade e Identidade*. 2002. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

LEITE, M. P. de S. *A negação da falta: cinco seminários sobre Lacan para analistas kleinianos*. 1992. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.

PACE, Enzo. Religião e Globalizaçã. In: ORO, Ari Pedro e STEIL, Carlos Alberto (orgs.). *Globalização e Religião*. 1999. Petrópolis, Vozes.

RAUL, F. *As Conseqüências da Modernidade*. 1991. São Paulo, Editora da Unesp.

SANTI, P. L. R. *A Construção do Eu na Modernidade: Da renascença ao século XIX – um texto didático*. 2000. Ribeirão Preto, Holos.

Revista Aulas

ISSN 1981-1225

Dossiê Religião

N.4 – abril 2007/julho 2007

Organização: Karina K. Bellotti e Mairon Escorsi Valério

TUFANO, D. *Estudo de Língua e Literatura*. 1990. São Paulo, Moderna.

Recebido em abril/2007.

Aprovado em junho/2007.